

Fragmentos da madrugada

Maria Cristina Vianna Kuntz

Fragmentos da madrugada

1ª edição | São Paulo | 2026

 Fábrica
de cânones

Copyright © Fábrica de cânones, 2026

Fragmentos da madrugada © Maria Cristina Vianna Kuntz, 2026



Editor

Eduardo Guimarães

Estagiária de editoração

Mariana Rocha Cruz

Preparação e revisão

Mariana Rocha Cruz

Projeto gráfico e diagramação

Regina Dantas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

K98f Kuntz, Maria Cristina Vianna
 Fragmentos da madrugada / Maria Cristina Vianna Kuntz.
 -- São Paulo, SP : Fábrica de Cânones, 2026.
 112 p. ; il.
 ISBN 978-65-85148-30
 1. Literatura brasileira 2. Poesia brasileira I. Título

26-0711

CDD B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana

CEP: 04012-010, São Paulo – SP – Brasil

Tel: (11) 98338-2314

@fabricadecanones

fabricadecanones.com.br

Caro leitor,

Meu avô era repentista, mineiro, de Cataguazes.
Embora pouco tenha convivido com ele,
muito me impressionou sua verve e seu conhecimento
de poemas. Ainda com avançada idade, declamava
inteiro o *Navio Negreiro* de Castro Alves. Eu tinha
então nove anos. Talvez essa semente tenha em
mim germinado depois de tanto tempo...

Estes textos que aqui apresento contam
memórias de momentos inesquecíveis e alguns
acontecimentos que muito me marcaram.

A coletânea de poemas pertence a um eu lírico que
se revela às vezes, no meio das madrugadas insones.

Com carinho, espero que aprecie.

Vai muito longe, a escrita... Até que acabe.
Às vezes é insustentável. De repente tudo ganha sentido
em relação ao que se escreve, é de enlouquecer. [...]
Essa ilusão que temos — e que é correta — de sermos
a única pessoa que poderia ter escrito o que escrevemos,
quer seja uma nulidade, quer seja maravilhoso. [...]
[mas] que [esta escritura] vinha ao encontro
da solidão inicial do autor.

(DURAS, Marguerite. *Escrever*. Tradução Luciene Guimarães
de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021, p. 35-36)¹

.....
1 “Ça va très loin, l’écriture... Juqu’à en finir avec. C’est quelquefois intenable. Tout prend un sens à coup par rapport à l’écrit, c’est à devenir fou. [...] Cette illusion qu’on a – et qui est juste —d’être le seul à avoir écrit ce qu’on a écrit, que ce soit nul ou merveilleux. [...] . C’est à dire que ça rejoignait la solitude initiale de l’auteur”. (DURAS, Marguerite. *Écrire*. Paris : Gallimard, 1993, p.25)

A Máscara

A máscara o rosto marca. Antes leve, aderente, fez-se dura, “duras”, rija, velha casca de árvore croquenta, craquenta, *craquelé*.

Dois furos para enxergar a tela/Muro/lente². Para enxergar melhor o público que não se vê.

Os caminhos vindouros, o porvir, o por vir, o que virá. Incerto, duvidoso... longo ou com surpresa, logo após a curva...

A grande boca/folha vermelha é para falar, gritar, esbravejar, cantar, como cantei e cantarei o nome dele em toda primavera que passou e que virá, ainda?!

Nesse intervalo que me sobra, tem espaço, é grande, largo.

Descubro possibilidades, força, energia. É preciso refazer gestos, acolher, escolher, estender a mão, e abraçar.

Abraçar os momentos, as pessoas, tirar a máscara para que se ilumine a face, o sorriso e os olhos voltem a ser azuis. Olhos de ninfa — Ainda? que possam captar, cooptar, seduzir — será?

.....

2 Refiro-me ao conceito de “Muro branco” de Deleuze que delimita nosso regime de signos. (DELEUZE. Ano Zero — rostdade. In: *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. V.3, Rio de Janeiro: 34)

Que as palavras venham pela boca rubra, imensa.
Aflorem poderosas, certas como setas que atinjam seus
alvos, mas cara a cara, sem beiradas.

Palavras que possam reluzir brilhantes para enfeitiçar
novamente o navegante, o passante, ou um leitor.

I
Vida

Ela queria uma criança

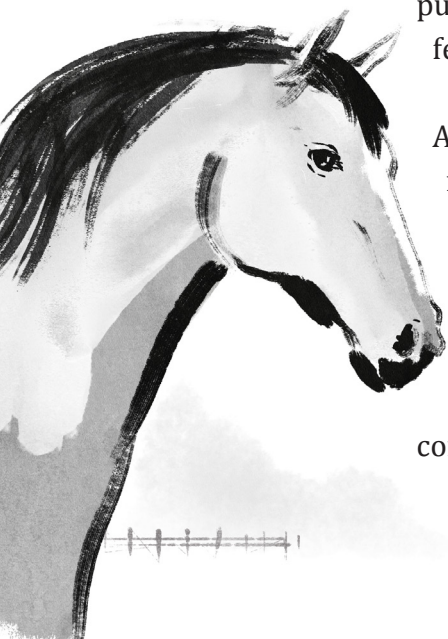
Queria muito ser mãe.
Passavam-se os anos
E o filho não vinha.
O ventre vazio,
O coração murcho,
Olhos compridos, distantes.
A seu redor: crianças,
filhas de mães solitárias,
pedintes nas ruas,
Mulheres pobres com três, quatro filhos...
E ela que queria tanto...
Que podia sustentar...
— Não merecia?
A esperança: um tratamento!
Injeções, remédios, expectativa: “não deu certo!”
De novo!
Mas um dia de verão,
A notícia alvissareira:
A cegonha viria!
A cada mês, o ventre aumentava,
Os olhos brilhavam!
E numa madrugada primaveril,
Uma orquestra de sabiás,
Um menino nasceu!
Puer natus est nobis!
Gaudium et Festa!

Era um menino muito alegre

Todos os anos, no dia 1º de julho, a mala já estava pronta e ficava esperando a avó que o levaria à estação. Iam para o interior passar as férias na fazenda. Era a companhia Paulista, havia vagões leito. Dormiam no trem. A emoção era muito grande!

Quando chegavam à cidade, o administrador os estava esperando com a charrete e seguiam mais uma hora rumo à fazenda. O caminho todo arborizado, de terra, chão batido. Iam chacoalhando e o corpo doía depois. Mas a alegria era tanta ao avistarem ao longe o cafezal, que se esqueciam do desconforto.

Mal a charrete estacionava. — Ôa! Malhado! O menino pulava da boleia e saía correndo para rever seu cavali-
nho, o Gaúcho; o cachorro, Dick, vinha pulando, abanando o rabinho, satisfeito, reconhecendo o dono.



A casa era simples, de tábuas, rodeada por um terraço. Era construída sobre pilotis, para evitar o perigo das cobras. Subia correndo as escadinhas, seguido do cachorro e ia ao encontro da Manuela, a preta gorda que fazia comidas inigualáveis!

Depois é que ia até o estábulo rever o Gaúcho, um tordilho já velho, dócil, mas que para ele era o mais lindo dos corcéis! O cavalinho parecia que até reconhecia sua voz: aproximava-se da cerca e colocava com meiguice o seu grande focinho, pedindo agrado.

Mas só andaria a cavalo na manhã seguinte. O avô sempre dissera que passeio a cavalo é cedo, com a “fresca”, senão judia muito do animal! Ele não concordava, porque o bicho era bem grande e não seria um “solzinho” a mais que faria a diferença! Mas precisava obedecer... os mais velhos é que mandavam e ele tinha ordens expressas de não contrariar a avó, “senão não iria mais pra fazenda”! e isso seria a morte para ele, pois era o que mais amava na vida: a liberdade, aquela imensidão, seus bichos, seus amigos da fazenda!

Após um prato de arroz, feijão e ovo frito, saía em disparada para o quintal. No pomar escalava as mangueiras e os abacateiros, ia ao cimo das árvores apreciar até onde a vista alcançava. Via mais longe que nas férias anteriores! A árvore tinha crescido e ele também subia mais alto e estava maior! Às vezes pensava que essa felicidade um dia poderia acabar, quando crescesse e fosse homem de verdade, de terno e gravata como o pai, cheio de responsabilidades! Não queria que esse dia chegasse nunca!

Depois ia até a colônia, na casa do Luiz Olímpio. Era o vaqueiro, homem de confiança de seu avô. Combinaram sair cedinho. Ele o acordaria, chamaria à janela, tomariam

leite na mangueira e já montariam. Iriam do outro lado da fazenda, no final do cafezal.

À noite, mal podia conter-se esperando a aventura programada. Deitado na rede com a avó, se remexia, se contorcia, não tinha parada! Os morcegos sobrevoavam inquietos também, à luz do lampião.

Afinal foi para a cama e cedinho, ouviu a batida na janela: toc-toc-toc. Pulou da cama, vestiu a calça e sumiu ao encontro do velho amigo. O leite espumoso e morno desceu gostoso pela garganta sôfrega. Em seguida, ajudou-o a arrear o cavalo: mal conseguia carregar a sela, mas angariava uma força descomunal, não podia fraquejar ante o companheiro. Também não tinha forças para puxar a barrigueira: era preciso força de homem grande! Mas conseguia colocar o freio, o bridão, não tinha medo de mordida de bicho, e de mais a mais, o Gaúcho o conhecia, era amigo. Pronto, era só pular nele!

Saíram a passo, o Gaúcho e o Passeio, mas quando chegaram no pasto, a largueza do verde o convidava ao galope! Em parelha, cortaram o espaço em pouco tempo. Atravessaram a mata, desviando de galhos e cipós, a sombra era restauradora com o ar da manhã, perfume das flores do mato, da terra ainda orvalhada.

Do outro lado tinha a porteira. Tentou abrir, mas o cavallinho estava manhoso, não queria chegar-se, por isso

não conseguiu por mais que se debruçasse. O companheiro disse-lhe: — deixa que eu abro, o bicho ainda está preguiçoso, não quer nada com o serviço!

Ele se afastou e passaram para o outro lado. Ali era só quição! o mato chegava ao peito dos cavalos! Perguntou se ali tinha cobra. Cobra!!!! Não, só de metro!!! Mas o cavalo espanta. E onde eu ando, São Bento não deixa chegar. “Meu Senhor São Bento, me livra de cobra e de bicho peçonhento”!

Andaram quase meia hora nesse matagal até chegarem ao cafezal das mangueiras. Assim se chamava porque havia quatro mangueiras marcando o limite da fazenda. O cafezal estava florido. Era mês de julho. Logo começaria a colheita e aquela safra prometia. Luiz Olímpio foi ver se estava sem mato, se estava tudo limpo, era necessário adubar antes da frutificação.

Depois de verificar tudo, às dez horas procuraram um lugar mais limpo e sombreado para almoçarem. No borral, o camarada trazia duas marmitas: arroz, feijão, mandioca e carne seca. O menino devorou tudo, nem reparou que a comida estava fria! O que a fome não fazia!

Terminada a refeição, correram a cerca. Havia alguns grampos meio bambos e ele ajudou a consertar. Montaram novamente e seguiram rumo a casa. O sol ainda estava alto, mas o menino já estava cansado do dia

cheio, com emoções tão diferentes daquelas da sua vida na escola, tão rotineira e enfadonha.

À tarde o lanche era a hora feliz: café com leite com bolinho de chuva. Dourados, macios, derretiam na boca! Um, dois, três... — Chega, menino, senão não janta depois!

Depois do banho, aguardava o jantar na rede, com a avó que lhe contava histórias do tempo dos escravos, da grande fazenda de café em Jaú, que era quase uma cidade. E ele imaginava o trem que parava dentro da fazenda para carregar todas as sacas de café estocadas em armazém enorme... Outros tempos, quando o café tinha valor, era ouro... São Paulo mandava no Brasil... E a avó contava, recordava, ia longe o pensamento...

Depois do jantar, ele já começava a pensar qual seria a aventura do dia seguinte. Iriam do outro lado do rio, na outra ponta da fazenda, rumo a oeste. De madrugada, toco-toco. Era o amigo que batia na janela. Pulava da cama, enfiando a roupa depressa. Depois do leite no curral, arrear os cavalos e zup! embora! Cavalgava pasto adentro, com cuidado porque havia muito buraco de tatu! — Se o cavalo tropeça, pimba! vai pro chão! advertia o amigo. Mas ele parecia nem escutar. A sensação de liberdade, a crina do animal ao vento, sentir que dominava todo aquele tamanho, sem obstáculos à frente, era indescritível!

Chegaram finalmente à mata que beira o rio. Ali não

havia cerca. O rio era o outro limite da fazenda. A mata não era pequena, uns dez alqueires paulistas. Diziam que havia onça, mas ele jamais vira. Também, onça aparece é de noite para caçar e nessa hora ele estava na cama dormindo. De dia, não havia perigo!

Escolheram um lugar mais limpo, apearam e amarraram os cavalos. Precisavam percorrer a margem do rio para verificar se não havia assoreado, se estava limpo, se não havia desbarrancado em algum trecho. Andaram com cuidado, afastando os galhos, os espinhos, e olhando para o chão... podiam encontrar cobra. O amigo ia à frente com o facão e um bastão grosso.

Voltaram ao lugar onde haviam deixado os cavalos. Sentaram ali perto para comer. Saboreavam a marmita como se grande iguaria fosse. De repente, ouviram um barulho no arbusto: alguém ou algo se aproximava... Se fosse onça, rugia! Os cavalos avisariam, sentem o cheiro; se fosse cobra, se assustariam, eles percebem... ficaram quietos e aguardaram. José Olímpio pegou a espingarda e o facão, o menino tinha um bastão e uma faca. O barulho aumentou, se aproximava e devia ser um bicho...

Seu coraçãozinho batia forte em emoção extrema! Nem imaginava o que poderia ser. Finalmente olharam para o lado de onde vinha o ruído e viram um enorme tamanduá-bandeira! Ele levanta nas duas patas traseiras e tem quase um metro e meio de altura.

José Olímpio nem quis saber, passou fogo! — Se ele abraça a gente, é o abraço de tamanduá! Foi o maior susto! Nunca tinha ouvido um estampido igual! O som ficou ecoando em seus ouvidos por muito tempo. O bicho no chão, se aproximaram. A cabeça era pequena, mas as unhas... por isso o perigo do tal abraço! O pelo era basto, embora não fosse macio, tinha uma risca mais escura ao longo das costas, terminando na cauda longa e peluda. Ficaram com dó do bicho, afinal poderia ser inofensivo. Além disso, ele presta um grande serviço comendo as formigas...

Mas agora era tarde, a “Inês é morta”, quer dizer, o tamanduá estava morto... e era preciso colocar o bicho em cima do cavalo. Não foi fácil. Ele era grandão e desajeitado. Mas o caboclo deu um jeito. Amarrou na sela dele e ele foi na garupa. Para tanto ele era muito bom cavaleiro.

Não podiam galopar porque o bicho podia cair. Voltaram a passo, no sol quente. Apesar do chapéu, o sol ardia. Tomara não ficassem com insolação!

Ao chegarem à casa, tinham muito o que contar: tantos perigos enfrentados!